

Temas filosóficos na psicanálise de Winnicott

Eder Soares Santos*

Resumo: Este artigo visa contribuir para a investigação filosófica da psicanálise de Winnicott, procurando mostrar que alguns temas clássicos da filosofia repousam em suas ideias, tais como: ontologia, conhecimento, criação e moral. Esses temas não se encontram escritos e debatidos em textos específicos de sua obra e exige do pesquisador intuir e avançar nas possibilidades de construir pontes que aproximem a psicanálise winnicottiana da filosofia. O que se pretende neste momento é apenas destacar tais temas e apontar discussões que poderiam resultar em estudos mais aprofundados.

Palavras-chaves: Winnicott, psicanálise, filosofia, fenomenologia.

Philosophical themes in Winnicott's psychoanalysis

Abstract: This article aims to contribute to a philosophical investigation of Winnicott's psychoanalysis, trying to show that some classic themes of philosophy rest very vivid on his ideas, such as: ontology, knowledge, creation and moral. These themes are not written and debated in specific texts of his work and it demands of the researcher an effort to intuit and to advance in the possibilities of building bridges that approach Winnicott's view of psychoanalysis to philosophy. What is intended at this moment is only to highlight such topics and point out discussions that could result in further studies.

Key-words: Winnicott, psychoanalysis, philosophy, phenomenology.

Introdução

Winnicott é um dos psicanalistas que vem sendo estudado com mais profundidade filosófica no Brasil, principalmente a partir da década de 1990, por meio das iniciativas da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana. Do ponto de vista clínico, muitas pesquisas têm se orientado pelos trabalhos de Dias (1998, 1999, 2003). No que diz respeito a um estudo filosófico de sua obra, os trabalhos de Loparic (1995, 1996, 1997, 1999, 2000, 2001, 2005, 2011) e de seu grupo de pesquisa¹ têm servido de

* Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina. Contato: edersan@uel.br

¹ Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas psicoterápicas (GrupoFPP).

guia preferencial. Uma das teses principais defendidas por Loparic é que, a partir de Winnicott, houve uma mudança de paradigma na história da psicanálise².

Minha intenção neste artigo é contribuir para a investigação filosófica da psicanálise de Winnicott, procurando mostrar que alguns temas clássicos da filosofia repousam em suas ideias, tais como: ontologia, conhecimento, criação e moral. Esses temas não se encontram escritos e debatidos em textos específicos de sua obra. Reunir todas essas indicações textuais excederia os limites deste artigo. Por isso, para o momento, o que pretendo é apenas destacar tais temas e apontar discussões que poderiam resultar num estudo mais aprofundado.

Sobre ser

Começo por destacar o tema da ontologia³, afirmando que a *existência* é um acontecimento que se dá já antes do nascimento, porém *ser* é uma conquista do poder existir. Ser não se dá por si mesmo e sim por meio de relações ambientais que no seu início mais primitivo implica dependência absoluta.

Winnicott diz que “gostaria de postular um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois”⁴. Estado de ser aí significa um modo de *encontrar-se vivo em*. Por meio deste postulado – “encontrar-se vivo em” – Winnicott introduz outro conceito que diz respeito a uma necessidade da existência: o da continuidade de ser⁵. E deste, por sua vez, é possível pensar na existência como um seguir existindo, sendo, em um processo de amadurecimento. Em conseqüências, pode-se derivar desse postulado e dessa necessidade quatro momentos sobre um conceito de “ser” em Winnicott: 1) estado de ser, 2) continuidade do ser, 3) interrupção da continuidade de ser e 4) retorno ao ser. Esses modos reunidos formam o que se poderia chamar de experiência de ser⁶. Tentemos explorar um pouco essas ideias.

² Cf. Loparic, “Winnicott e o pensamento pós-metafísico”. *Revista Psicologia USP*, 1995. Ver também Loparic, “De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática”, in Dias, O. Elsa e Loparic, Zeljko (orgs.): *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo, 2011.

³ Desenvolvi este tema em outros artigos. Ver Santos, *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWWe, 2010. Ver também Santos, “Angústia do ser e angústia de ser”. *Natureza Humana*, 2013.

⁴ Winnicott, *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel, 1988, p. 127.

⁵ Cf. idem.

⁶ Cf. Ibidem, p. 132.

Dizer o que se passa no nascimento do ponto de vista dos acontecimentos pessoais é muito difícil, senão impossível. A neurologia pode ter avançado a ponto de dizer o que se passa do ponto de vista neuro-fisio-químico com um bebê ao nascer, mas não pode dizer qual o significado disso para ele e nem nós vamos nos recordar dessa experiência, a não ser que tenha sido marcada por algum tipo de trauma⁷. Os trabalhos clínicos de Winnicott com pacientes muito regredidos trouxeram muitas informações do significado desse acontecimento inicial que auxiliam na compreensão da natureza humana, porém, ainda assim, está-se numa zona de mistério⁸.

Ao falar do nascimento, Winnicott utiliza muitas vezes os termos continuar-a-ser e despertar (*awareness*)⁹. O que significa continuar-a-ser desde o início? O sentido é obviamente existencial, ou seja, tem a ver com o existir. Porém, falar em existência para um ser humano nos leva a pensar em consciência. Se desde o início está em jogo a continuidade-de-ser, deveria haver um sentido em que seria possível se falar ou se pensar em existência. Entretanto, esse ainda não parece ser o caso aqui. Justamente porque não se pode falar ainda em consciência (*Bewusstsein*) em sentido estrito. Winnicott aponta que no nascimento normal “o bebê experimenta uma interrupção maciça da continuidade de ser (pela intrusão relativa à mudança de pressão, etc)”¹⁰. Isso nos força a pensar que a continuidade de ser já é anterior ao nascimento. E, claramente, isso indica que a continuidade-de-ser não tem nada a ver com a consciência de ser. Então, continuidade-de-ser e ser devem significar coisas diferentes. E, no entanto, ainda estamos a falar de existir.

A existência não pode ser dada numa única intuição e de forma imediata. Pode-se pensar num modo de existir da continuidade-de-ser desde antes do nascimento e para depois dele e isso significa dizer que há uma coesão físico-ambiental¹¹. Nesse caso, continuidade-de-ser e ser significam integração não interrompida, que não sofreu nenhuma quebra nessa linha de continuidade. Se se pensa no ambiente intrauterino, interrupção seria qualquer intrusão que atrapalhasse ou prejudicasse a gestão. Winnicott vai falar de registros de memórias corporais dessa fase intrauterina, mas não de

⁷ Cf. Winnicott, *Textos Seleccionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 326.

⁸ Cf. Winnicott, *Psycho-analytic Explorations*. Cambridge: Harvard University Press 1989.

⁹ Cf. Winnicott, op. cit., 1988, p. 143, p. 144, p. 146.

¹⁰ Idem, p. 145.

¹¹ Ambiente, para Winnicott, é constituído pelo conjunto de todos os cuidados recebidos pelo infante juntamente com os elementos físicos e concretos que compõem uma determinada região espacial. Ver Winnicott, op. cit., 1988, p. 152 ss.

consciência. O que há é sustentação contínua por parte do ambiente, uma manutenção de uma situação favorável a gestante a fim de não haver traumas. Assim, o primeiro sentido de ser é o da sustentação continuada. Existir nesse primeiro momento significa coesão físico-ambiental e sustentação continuada provida por esse ambiente¹².

Seguindo a via indicada por Winnicott, ao nascer o bebê sofre uma interrupção, cisão essencial, na sua continuidade-de-ser, porém ao final da gravidez, com as mudanças no ambiente intrauterino, o bebê está capaz de suportar essas mudanças por algum tempo e é possível que ele, após o nascimento, retome a sua continuidade-de-ser: “Dessa forma, no processo natural, a experiência do nascimento é uma amostra exagerada de algo que o bebê já conhece”¹³. Contudo, o ambiente mudou, tornou-se extrauterino e a dependência do bebê é absoluta e a mãe (ou alguém que cuide dele) vai ter que cuidar das necessidades iniciais desse infante para que ele chegue a um despertar (*awareness*) de que ele mesmo é. Após o nascimento, então, o modo do existir deve ser o mesmo da situação antes do nascimento, ou seja, um estado de continuidade deve ser mantido pela sustentação que agora tem de assumir o caráter de ser também fisicamente confiável, levando ao despertar para o ser. Ao despertar para o que se é, então, torna-se possível pensar o que se é no sentido de se poder investigar conscientemente (*bewusstlich*) o que significa ser.

Assim, partindo de Winnicott, a investigação pela questão do ser necessita da consideração de dois momentos iniciais: o primeiro de uma continuidade-de-ser que deve perdurar por toda a vida e que se estabelece como a primeira condição de possibilidade para se poder-ser e, um segundo momento, em que se mostra necessário que se chegue à consciência, no sentido de um estar desperto (*awareness*), de que se é. E, dessa forma, torna-se possível a consciência (*Bewusstsein*) das possibilidades abertas ao existir e pode-se falar em um sentido do ser.

Assumindo esses pressupostos é possível, correlativamente, falar-se em existir, existente e existência. Inicialmente, pela continuidade-de-ser pode-se falar em um existir intra- e extrauterino. Quando chega-se ao despertar para o que se é, pode-se falar em um existente capaz de ter uma existência. E, finalmente, a existência permite que se

¹² À frente desenvolverei melhor o tema do ambiente e o que isso significa.

¹³ Winnicott, *Textos Selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 325, grifos do autor.

tenha uma consciência (*Bewusstsein*) capaz de compreender suas possibilidades de um modo ou de outro.

Como se pode notar o ambiente tem um papel de grande importância na constituição do ser. O que é o ambiente? Significa o mesmo que mundo?

Se tomarmos Heidegger como referência, sabemos que mundo é um contexto de significância e é percebido a partir da relação instrumental (*um/zu, wozu*) que mantenho com as coisas aí presentes.¹⁴ Mundo é um lugar onde eu, enquanto sendo, sempre me encontro e, por isso, sou sempre um ser-no-mundo. Disto seria fácil derivar que as relações iniciais entre mãe-bebê formam um “mundo”: o mundo materno E, conseqüentemente, mãe e bebê são seres-no-mundo. Se olharmos esse fenômeno como objetos (mãe e bebê) que simplesmente se mostram a mim – tal como ver o mar e a montanha – seria correto afirmar isso. Porém, visto da perspectiva de um estar-aí e levando-se em conta a afirmação de Winnicott de que bebê é algo que não existe sem a presença de uma mãe (ou outra pessoa que proporcione o mesmo tipo de cuidado)¹⁵, então não podemos dizer que ali se apresentam dois seres-no-mundo enquanto ser-aí [*Dasein*]. O que se tem, de fato, é uma mãe que é-no-mundo e um bebê que precisa ser-no-mundo¹⁶.

Se não há inicialmente mundo para o bebê e se ele só pode começar a ser com a ajuda de um outro que provê cuidados o que se tem é a necessidade da formação de um estado e um lugar essencial para que tudo possa se iniciar, o qual denomina-se *ambiente*. O ambiente é um entorno que é concreto fisicamente, mas que não se reduz a um mero lugar. Ele se constitui inicialmente pelo conjunto de todos os cuidados físicos necessários providos ao bebê, implica na responsabilidade de agir para suprir as necessidades de um outro em estado de dependência absoluta sem se esperar nenhum retorno ou gratidão pelo que, da forma a mais devotada, é realizado. Para que o ambiente exista é necessário que alguém esteja-aí de forma presente, viva e disponível para poder sustentar a situação temporal e espacial de forma constante para o ser em seu início. É preciso que àquele que esta-aí suporte a dependência do infante e que por um

¹⁴ Cf. Heidegger, *Sein und Zeit*. 18ª edição. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, pp 76-88.

¹⁵ Cf. Winnicott, op. cit., 1978, p. 208.

¹⁶ Poder-se-ia argumentar que ontologicamente mãe e bebê possuem o mesmo estatuto ontológico pelo simples fato de que são. Porém, se a condição para ser-aí é poder ser capaz de colocar a questão pelo seu próprio sentido, isso ainda não está aberto para o bebê nem mesmo como possibilidade, pois primeiro é preciso se saber que se é, mesmo que de uma forma pré-compreensiva, para se colocar a questão pelo seu sentido de ser.

período inicial se identifique com ele a tal ponto de ser tornarem um em completa sintonia com o outro, uma espécie de dois-em-um da existência: “o que se vê é um ‘par lactante-lactente’”.¹⁷

O ambiente é tudo o que acontece e permite, posteriormente, que contextos de significância possam se formar no momento em que, aos poucos e de forma gradativa, o mundo vai sendo apresentado em pequenas doses ao bebê. Ambiente é o fenômeno de uma sustentação psicossomática – física, emocional, existencial – que mantida por um ser-aí externo torna o mundo possível. Ambiente é sinônimo de cuidado; é tudo que é feito (ou deixado de se fazer), são todos os gestos; é o conjunto de todos os modos de maternagem; é toda comunicação silenciosa inicial estabelecida entre mãe-bebê.

Com o amadurecimento e com a redução da dependência absoluta inicial, ambiente e mundo se imiscuem ou se superpõe. Porém sem que nunca sejam os mesmos. Mundo permite minha relação instrumental com as coisas e o cuidado com relação às pessoas. Ambiente - vida a fora - me permite a constituição da confiabilidade¹⁸ que se mantém nas relações com as pessoas no mundo.

A quebra da confiabilidade nas relações iniciais de dependência absoluta provoca uma interrupção na continuidade-de-ser do infante e das pessoas em geral. Produz um efeito do tipo decepcionante (*let down*) ou o efeito de se deixar cair para sempre num precipício. Isso oferece o tom de como as pessoas se encontram no mundo: àquelas que conseguem lidar com as dificuldades e precariedades próprias do existir sem perda da confiabilidade nas relações que foram construídas, não tendo sido traumatizadas por padrões de repetições de decepções e àquelas que sofreram experiências traumáticas do tipo que resultam de *let down* do ambiente. Distúrbios emocionais graves podem surgir dessas experiências traumáticas, provocados, por exemplo, por angústias impensáveis que apontam para algo que vivenciamos, experienciamos, mas que não conseguimos sequer pensar em termos representacionais, pois o pensamento, ou melhor, a simples possibilidade de poder pensar e reviver tal sofrimento é insuportável.¹⁹

¹⁷ Winnicott, op. cit., 1978, p. 208.

¹⁸ Sobre confiabilidade na clínica winnicottiana, ver Dias, “Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica”. *Revista Natureza Humana*, 1999.

¹⁹ Cf. Santos, *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWWe, 2010. Ver também Santos, “Angústia do ser e angústia de ser”. *Natureza Humana*, 2013.

Para chegar a ser aquilo que se é – enquanto um Eu sou – isso implica ter-se atingindo certo grau de integração enquanto uma unidade e que se seja capaz manter as conquistas trazidas por essa integração²⁰. Ser um eu sou, no sentido de ser-si-mesmo, significa que reuni isso e aquilo que agora reivindico como meu e que, ao mesmo tempo, repudiei todas as outras coisas a mais. Dessa forma repudio aquilo que é não-eu e, fazendo isso, insulto o mundo por não absorver tudo que é mundo em mim. Saio de uma relação de completa simbiose com o ambiente para poder constituir um mundo próprio. O individuo que já alcançou certo grau de integração ao chegar a poder se reconhecer como sendo ele mesmo, um Eu sou, constrói para si um mundo da intimidade por contraposição a um mundo “externo”, público, compartilhado.

Ao se dizer “eu” também se diz que houve crescimento emocional, que o individuo está estabelecido como unidade, que a integração é um fato, que o mundo “externo” é repudiado e o “interno” torna-se possível. Já o “Eu sou” implica crescimento individual, o individuo não tem apenas forma, mas também vida, só se alcança esse *Eu sou* porque existe um ambiente aí que o protege. O ambiente protetor se revela como a mãe (ou aquele que cuida) preocupada com seu próprio bebê, estando orientada e identificada com as necessidades dele.²²

O ponto central é que as influências ambientais e pessoais são decisivas no desenvolvimento do individuo²³. Isso quer dizer que coisas boas e más acontecem e estão fora do alcance do infante. Reunir fatores externos na sua área de onipotência ainda está em processo de formação. Assim, o ego-suporte dos cuidados maternos capacita o infante a viver e a se desenvolver no sentido de vir a ter controle, de sentir ou tornar-se responsável pelo que é bom o mau no ambiente²⁴.

²⁰ Sobre o tema da integração, ver Dias, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago 2003, p. 157 ss.

²¹ Cf. Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 56.

²² Cf. *Ibidem*, 1996, p. 33.

²³ Cf. *Ibidem*, 1996, p. 37.

²⁴ Cf. *Idem*.

Somos porque fomos cuidados. Em termos causais, somos efeitos do cuidado. Ou não-somos ou quase somos por falta de cuidado. Damos início a nossa existência por causa de um tipo de cuidado específico, o cuidado materno²⁵.

Um infante humano não pode começar a ser exceto sob certas condições... Infantes chegam ao ser [*being*] diferentemente de acordo com as condições favoráveis ou desfavoráveis. Ao mesmo tempo as condições não determinam o potencial do infante. O potencial é herdado... o potencial de um infante não pode tornar-se um infante a menos que esteja ligado ao cuidado materno.²⁶

As palavras chaves na fase inicial da existência são: potencial herdado e dependência. O potencial herdado inclui a tendência ao crescimento e ao amadurecimento. Na dependência, o cuidado materno (parental, familiar) pode ser caracterizado da seguinte forma: *holding*, a existência precisa ser sustentada; mãe e infante vivendo juntos, para que – por meio do cuidado – o infante possa chegar-a-ser; pai, mãe e filho vivendo juntos²⁷, ou seja, para a criança significa já pode assumir responsabilidade pelas próprias ações e ser capaz de manejar situações de conflitos emocionais.²⁸

Holding (sustentação) não é apenas sustentação física. Diz respeito também à provisão ambiental total que antecede o conceito de viver-com (*living with*), isto é, há uma estrutura existencial anterior ao ser-com²⁹ que é a do manter-se-sustentado. Viver-com [ser-com] “implica relações de objeto e a emergência do infante do estado de ser reunido com a mãe, ou suas percepções dos objetos como externos a si-mesmo”³⁰. *Holding* antecede as experiências pulsionais porque, até que um *eu* esteja formado, e mesmo havendo tensões, elas não podem ainda ser percebidas como tal, ainda não ganharam significado. *Holding* aponta para a lida com experiências que são inerentes à existência, tal como a realização (*completion*) e não-realização (*non-completion*)³¹ de si.

Assim, tornar-se uma pessoa que possui um “status unitário” depende de que o infante: i) mude de um estado de não-integração para uma integração estruturada, ii)

²⁵ Cuidado materno diz respeito ao tipo e a qualidade do cuidado provido. Ainda que no mais das vezes ele seja provido pelas mães, não necessariamente precisa ser elas a ter de provê-los. Também os pais, tios, avós e, até mesmo, as instituições estão condições de fazê-lo.

²⁶ *Ibidem*, 1996, p. 43.

²⁷ Isso não exclui as novas configurações familiares. Ver Serralha, “Contribuições da teoria do amadurecimento para o estudo das famílias homoparentais”. *Winnicott e-prints*, 2013.

²⁸ Cf. Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 43.

²⁹ Cf. Heidegger, *Sein und Zeit*. 18ª edição. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, p. 127.

³⁰ Winnicott, *op. cit.*, 1996, p. 44.

³¹ Cf. *idem*.

retenha a capacidade de re-experimentar estados de não-integração e isso vai depender da continuidade de cuidados maternos confiáveis e da constituição no infante de memórias do cuidado provido começando gradualmente a serem percebidos como tal, iii) que a psique se assente no soma, de modo que a existência psicossomática do infante comece a ganhar um padrão pessoal.

Sobre conhecer e criar

O conhecimento dos objetos no mundo depende de uma apresentação prévia do mundo. Os objetos são apresentados por aquele que cuida e o mundo vai sendo mostrado em pequenas doses para o infante. A compreensão do mundo passa pela lida primária com os objetos, porém os objetos só passam a existir se primeiro forem criados mais uma vez pelo lactente. Isto é, conheço porque crio e, na medida em que crio, compreendo minha criação e ela passa a fazer sentido em uma rede de significados que, inicialmente, é totalmente pessoal.

Temos dificuldade em aceitar esse tipo de explicação porque ela é paradoxal. O próprio Winnicott o reconhece: “em sua fase inicial o bebê cria o objeto, mas o objeto já está aí, assim ele não pode tê-lo criado. O paradoxo deve ser aceito, e não resolvido”³². Pensar dessa forma desafia a lógica e o princípio do terceiro excluído que diz que se uma coisa é, então ela não pode não-ser. Graças à racionalidade lógica conseguimos perceber e entender que uma determinada proposição é paradoxal ou não, mas também graças a ela temos dificuldades em conceber em nosso senso comum, de fato, qualquer coisa que vá contra o princípio do terceiro excluído. A questão é que para poder compartilhar o conhecimento que tenho de um objeto eu preciso me adaptar às regras comuns que regem a linguagem compartilhada na qual me encontro.

Assim, no início, o objeto é criado e usado por cada um de modo pessoal. Depois, com o processo de introdução do mundo compartilhado, seguindo um princípio de realidade a criação onipotente vai se perdendo³³. Conhecer tem um caráter modal e depende de um viver criativo. As experiências pessoais de alguém podem ser ricas,

³² Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 30.

³³ Cf. Winnicott, *Home is where we start from*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1986, p. 50.

significantes e criativas ou sem o menor sentido. Vai depender de como tem sido suas experiências desde o início³⁴. Haveria um risco de solipsismo nessa experiência de onipotência criativa, porém “o fato é que aquilo que criamos já está aí, mas a criatividade encontra-se no modo como nós tomamos percepção por meio da concepção e apercepção”³⁵. Dessa forma, no início, somente conhecemos o que encontramos e só encontramos aquilo que, de algum modo, criamos.

Criar permite mais do que simplesmente conhecer. Permite que se tenha experiências culturais e estas começam como um brincar e conduzem a um área inteira de ganhos humanos que incluem as artes, os mitos das histórias, a lenta marcha do pensamento filosófico e os mistérios da matemática e da religião³⁶. Tais experiências não se encontram nem na vida da pessoa, pois não se trata de uma propriedade psíquica pessoal, nem faz parte totalmente da vida no mundo, pois em grande parte essas experiências estão dominadas pelo sonho. Encontram-se “no espaço potencial entre a criança e a mãe quando experiências produziram na criança um alto grau de confiança na mãe, que não deve falhar em estar lá repentinamente quando necessitada”³⁷.

A experiência cultural torna o ser humano único em sua espécie³⁸. Ela depende do cuidado confiável que a mãe proporciona ao seu bebê e com isso possibilita que ele se torne um ser humano único. Para existir, uma pessoa tem de ser criativa e ter um sentimento (*feeling*) de existência como um lugar básico a partir do qual se operar³⁹. Do ser-criativo surge a criatividade que é o fazer que emerge de ser. Criatividade indica que se está vivo, não no sentido apenas de impulsos, mas num em que o fazer ganha sentido.

É possível encontrar pessoas que constroem suas vidas por reação a estímulos. Para esses casos, a palavra *ser* não alcançou seu lugar e não tem relevância: “a fim de ser e de ter o sentimento de que se é, deve-se ter uma predominância do impulso de fazer [do impulso criativo de fazer] sobre o fazer-reactivo”⁴⁰. Não se trata simplesmente de uma questão de vontade e de arranjos e rearranjos da vida. Isso tem a ver com o processo de crescimento emocional. Assim, a criatividade “é a retenção ao longo da

³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 51.

³⁵ *Ibidem*, p. 52.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 36.

³⁷ *Idem*.

³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 37.

³⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 39.

⁴⁰ Winnicott, *Home is where we start from*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1986, p. 39.

vida de alguma coisa que pertence propriamente à experiência infantil: a habilidade de criar o mundo”⁴¹.

O criar e a criatividade são uma necessidade da existência do ser humano para que possa se manter vivo e para que possa se relacionar com objetos que surgem no seu caminho. O relacionamento com as coisas mais simples passam e dependem de uma criação pessoal que, quando atingida pelo princípio de realidade ou de compartilhamento da realidade, levam a que duas pessoas concordem sobre um determinado pronunciamento, mesmo que cada um esteja percebendo a coisa percebida de forma diferente. Assim, por exemplo, “quando eu vejo o relógio eu o crio, e quando eu olho as horas eu crio o tempo também. A todo tempo eu tenho minhas pequenas experiências de onipotência, antes de eu entregar essa função desconfortável para Deus”⁴².

Assim, o acesso à realidade de um mundo externo passa antes pela criação de um mundo e de uma realidade que são pessoais. Dessa forma, cada ser humano, em seu começar a existir em um mundo externo, precisa criar seu mundo pessoal.

O alcance da realidade externa vai se dar por meio do processo de desilusão. Entretanto, antes de chegar a ele, muito ainda há por ser percorrido. Desse ponto em diante, é possível pensar numa fase de transicionalidade entre um “mundo interno” de objetos subjetivos e um “mundo externo” de objetos objetivamente percebidos.

A transicionalidade está caracterizada pela presença de objetos e fenômenos transicionais. Winnicott define como objetos transicionais aqueles usados no controle da realidade externa, e fenômeno transicional a técnica empregada para esse controle⁴³.

Isto quer dizer que o objeto, percebido objetivamente por nós, será para o bebê subjetivo, pois é criado por ele como se fosse uma espécie de alucinação. Sendo assim, aquele ou aquela que está a cuidar apresenta os objetos ao bebê no momento adequado, a fim de que ele, em alucinando um objeto (punho, dedos, pulso etc.), crie a ilusão de que este pôde ser criado e de que o que é criado é o mundo⁴⁴.

⁴¹ Ibidem, p. 40.

⁴² Ibidem, p. 49.

⁴³ Cf. Winnicott, *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel, 1988, p. 106.

⁴⁴ Cf. Winnicott, *Psycho-analytic Explorations*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 53.

É possibilitado ao bebê criar a ilusão de que os objetos da realidade externa podem ser reais para ele mesmo, pois os objetos só podem ser alucinados se forem sentidos como reais.

O que permite a continuidade da ilusão, com modificações graduais na onipotência, são exatamente esses fenômenos que se iniciam com o apego ao objeto transicional e dão início à capacidade de simbolização, desenvolvem-se depois na possibilidade de brincar e se estendem, à medida que o amadurecimento prossegue, por todo o espaço cultural.⁴⁵

O que para nós poderia parecer loucura, isto é, viver em um estado alucinatório, para o bebê, graças aos objetos transicionais, parece ser o estado em que ele normalmente se encontra nos momentos da transicionalidade.

O lactente com um objeto transicional está, em minha opinião, o tempo todo neste estado [alucinatório] que nós lhe permitimos estar e embora isso seja loucura, não se deve chamar de loucura.⁴⁶

Por sua vez, isso nos faz pensar em onipotência, aqui entendida como aquela nos estágios da mais tenra infância. A partir de então, o lactente vai do sentimento de controle onipotente dos objetos ao abandono desse controle e do reconhecimento de que outras coisas acontecem fora do seu controle pessoal: “A transição vai do controle onipotente dos objetos externos até o abandono [*relinquishment*] dos fenômenos que existem fora do controle pessoal”⁴⁷.

Alguma coisa parece mudar no que diz respeito às relações com os objetos. Da perspectiva winnicottiana, estes não são simplesmente dados na natureza, obrigando o indivíduo que está no mundo a ter de usar de complexas racionalizações para representá-los. O que se percebe aqui, paradoxalmente falando, é que os objetos estão lá na natureza porque eles foram criados por mim e por qualquer outro dentro de um mundo pessoal igualmente criado.

Num primeiro momento, é possível se pensar que a passagem do mundo dos objetos subjetivos, pessoais, para o mundo dos objetos objetivos parece ser impossível, já que cada um se sustenta em "realidades" diferentes. Tal impossibilidade é, realmente, apenas aparente. Essa passagem, na verdade uma transição, é feita através de um espaço intermediário, uma "ponte", um espaço potencial ou de uma terceira área do que existe (*third area of existing*), pois “o bebê ainda não tem o sentido do que é externo

⁴⁵ Dias, *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, 1998, p. 156.

⁴⁶ Winnicott, op. cit., p. 54.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 55.

ou do que é interno, o lugar da relação é um ‘entre’⁴⁸. Assim, três áreas se nos apresentam. A primeira é a do indivíduo psíquico ou a realidade íntima, isto é, a realidade psíquica pessoal a partir da qual o indivíduo alucina (no sentido winnicottiano) e pode criar; é a área do mundo subjetivo, íntimo, pessoal. A segunda área, a do mundo objetivo, é a da realidade externa, organizada gradualmente no sentido de distinguir o "eu" do não-eu" e a fim de se estabelecer um *self*⁴⁹. Por fim, a terceira área é a do fenômeno transicional, que servirá de base para a simbolização, sendo nela que se encontra o germe para a riqueza de uma vida cultural em sociedade.

Sobre a moralidade

O estudo da moralidade, desde Freud, está ligado à questão do sentimento de culpa⁵⁰. Porém, para Winnicott esse tema deve ser desenvolvido a partir do estudo do crescimento emocional individual. Ele não deve ser tratado nem a partir da religião nem do ensino moral; não é algo a ser inculcado e, sim, é um aspecto do desenvolvimento emocional humano.⁵¹

As influências culturais pesam nesse estudo? Sim, são muito importantes, mas apenas como uma sobreposição de inúmeros padrões pessoais. O senso de culpa é uma capacidade que se adquire ao longo do desenvolvimento emocional e não algo determinado filogeneticamente: “somente a culpa legal refere-se a um crime, a culpa moral refere-se à realidade pessoal”⁵².

Freud pensa a questão da culpa, segundo Winnicott, em termos econômicos de forma deliberada para poder achar uma formulação teórica para o problema, mesmo correndo o risco de simplificar demais a questão. Ele vê em Freud um determinista que examina a natureza humana de forma objetivista seguindo as leis conhecidas da física⁵³. Freud examinou a questão da culpa por meio da ambivalência amor-ódio, tendo como

⁴⁸ Dias, op. cit., 1998, p. 157.

⁴⁹ “Si-mesmo” não deve ser pensado como uma coisa em si ou, simplesmente, como coisa. “Si-mesmo” refere-se à pessoa que sou num modo de ser espontâneo e ao sentir-se real nas minhas relações com o mundo. “*Para mim o self, que não é o ego, é a pessoa que eu (me) sou, que é somente eu (me), que tem uma totalidade baseada na operação do processo de amadurecimento*”. (Winnicott, *Psycho-analytic Explorations*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 271)

⁵⁰ Cf. Santos, “Determinismo e moralidade na psicanálise de Freud”. *Diálogos Possíveis (FSBA)*, 2014a.

⁵¹ Cf. Winnicott, Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 15.

⁵² Id. *Ibidem*, p. 16.

⁵³ Cf. *Idem*.

referência os neuróticos, permitindo com isso estabelecer o conceito de complexo de Édipo⁵⁴. Porém, nem todos os problemas da clínica psicanalítica podem ser resolvidos por meio do paradigma edípico⁵⁵.

O ponto de partida de Winnicott é outro, ele diz “nós assumimos que a criança está se tornando uma unidade e está se tornando capaz de perceber a mãe como uma pessoa”⁵⁶. Não se trata de uma certeza, é uma posição que se toma para poder explicar os “fatos”. A mãe (ou aquele que provê os cuidados) precisa estar lá e estar pronta para receber e entender “se a criança tem um impulso natural para dar ou reparar”⁵⁷. É preciso considerar a necessidade que a criança tem (e que todos nós temos) de ter a oportunidade de fazer reparações e restituição aos danos que causamos por meios dos impulsos. Ainda que isso necessite uma certa dose de imaginação, Winnicott observa que ao se formular teorias sobre os estágios iniciais certa dose de distorções e sofisticções precisam ser toleradas.⁵⁸

Desse modo, a origem para o sentimento de culpa surge quando gradualmente o infante descobre que a mãe sobrevive e aceita o gesto restitutivo e, assim, o infante torna-se capaz de “aceitar a responsabilidade pela fantasia total do impulso instintual completo que foi previamente incompadecido [ruthless]”⁵⁹. A criança vai do incompadecido ao compadecido, da despreocupação (unconcern) à preocupação (concern). O que está em jogo aí é “uma capacidade pessoal de tolerar elementos agressivos no impulso de amor primitivo”⁶⁰, além de um reconhecimento gradual da diferença entre fato e fantasia.

A constituição de um sentido de moralidade parece estar assentada na capacidade que a criança tem para se preocupar, que se desenvolve por meio do cuidado suficientemente bom⁶¹ provido pela mãe (ou àquele que cuida) e na oportunidade para

⁵⁴ Cf. *Ibidem* p. 17.

⁵⁵ Cf. Loparic, “Esboço do paradigma winnicottiano”. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, 2001.

⁵⁶ Winnicott, *op. cit.*, 1996, p. 22.

⁵⁷ *id.* *Ibidem*, p. 23.

⁵⁸ Winnicott, *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 23.

⁵⁹ *Idem*.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 24.

⁶¹ Com esse cuidado suficientemente bom, o bebê está capaz de ter uma existência pessoal, de construir gradativamente seu si-mesmo e de criar um mundo subjetivo onde ele pode iniciar o seu habitar no mundo: “Em minha terminologia, a mãe suficientemente boa é aquela que é capaz de ir ao encontro das necessidades [able to meet the needs] do bebê no início, e satisfazê-las tão bem que a criança, na sua saída da matriz do relacionamento mãe-filho, é capaz de ter uma breve experiência de onipotência.” (Winnicott,

reparações. Tal como falar e andar são tendências do amadurecimento humano que mais cedo os mais tarde as crianças saudáveis tendem a atingir, também se poderia pensar numa tendência em direção ao desenvolvimento do sentimento de culpa e da moralidade. Porém, nesse caso há uma complexidade maior porque implica em confiabilidade e no cuidado provido à criança por sua mãe, pai, família (ou seja, todo o ambiente). Isto é, a constituição da moralidade é, para Winnicott, relacional e não está data *a priori*.

Assim, atingir a capacidade para sentir culpa é uma questão de saúde e não o símbolo da neurose de uma civilização. Deve-se pressupor, para tanto, segundo Winnicott, que uma complexa organização do ego esteja estabelecida. Organização que não deve ser pressuposta de qualquer maneira, mas sim como uma realização levada a cabo pelo cuidado do bebê, isto é, realização em termos de processo de crescimento pessoal.⁶²

Referências bibliográficas

DIAS, E. O. *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. “Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica”. *Revista Natureza Humana*, v. I, n. 2, 1999.

_____. *A Teoria das Psicoses em D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1998.

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 18ª edição. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.

LOPARIC, Z. “De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática”, in Dias, O. Elsa e Loparic, Zeljko (orgs.): *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW editorial, pp. 29-58, 2011.

LOPARIC, Z. “Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade”. *Revista Natureza Humana*, v. 6, 2005.

_____. “Esboço do paradigma winnicottiano”. *Cadernos de história e filosofia da ciência*. Campinas – CLE – Unicamp, série 3, v. 1, n. 2, 2001.

The Maturation Processes and the Facilitating Environment. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996, p. 57)

⁶² Cf. Eder Santos, “Contrapontos com relação à moralidade em Freud e Winnicott”. *Revista de Filosofia Aurora*, 2014b.

- _____. “O ‘animal humano’”. *Revista Natureza Humana*, v. II, n.2, 2000.
- _____. “Heidegger and Winnicott”. *Revista Natureza Humana*, v. 1, n. 1, 1999.
- _____. “Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas”. In: Catafesta, I. F. M., *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a Universidade*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- _____. “Winnicott: uma psicanálise não-edipiana”. *Revista Percurso*, n. 17, 1996.
- _____. “Winnicott e o pensamento pós-metafísico”. *Revista Psicologia USP*, v. 6, n. 2, São Paulo, 1995.
- SANTOS, E. S. *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWWe, 2010.
- _____. “Angústia do ser e angústia de ser”. *Natureza Humana (Online)*, v. 15, p. 63-75, 2013.
- SANTOS, E. S. “Determinismo e moralidade na psicanálise de Freud”. *Diálogos Possíveis (FSBA)*, v. 13, p. 56-68, 2014a.
- _____. “Contrapontos com relação à moralidade em Freud e Winnicott”. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 26, p. 63-80, 2014b.
- SERRALHA, C. A. “Contribuições da teoria do amadurecimento para o estudo das famílias homoparentais”. *Winnicott e-prints*, v. 8, p. 35-49, 2013.
- WINNICOTT, D. W. *Textos Selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____. *Home is where we start from*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1986.
- _____. *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel, 1988.
- _____. *Psycho-analytic Explorations*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- _____. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996.

Recebido em: 18/09/2017

Aprovado em: 07/04/2018